O ASSASSINATO

DE

CAPITÃO FRYATT.

JUNIOR
Rua de Campolide, 146-2.º
LISBOA

LONDRES: EYRE AND SPOTTISWOODE, LTD.

1916

H. S. 6718 11

O ASSASSINATO
DE
CAPITÃO FRYATT.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

JOÃO G. LAGE JUNIOR
Rua de Campolide, 146-2.º
LISBOA

MUSEU PORTUGUEZ DA GRANDE GUERRA
Nº 89

LONDRES:
EYRE AND SPOTTISWOODE, LTD.

1916.

Capitão Fryatt.

H. F.
6718

CARTA
DE
S.M. EL-REI JORGE
Á
VIUVA DE CAPITÃO FRYATT.

BUCKINGHAM PALACE,
3 *d'agosto de* 1916.

EXMA. SRA.,

Neste momento de consternação e de dôr tão cruel, El-Rei e o seu povo veem testemunhar a V. Exa. as suas profundas condolencias.

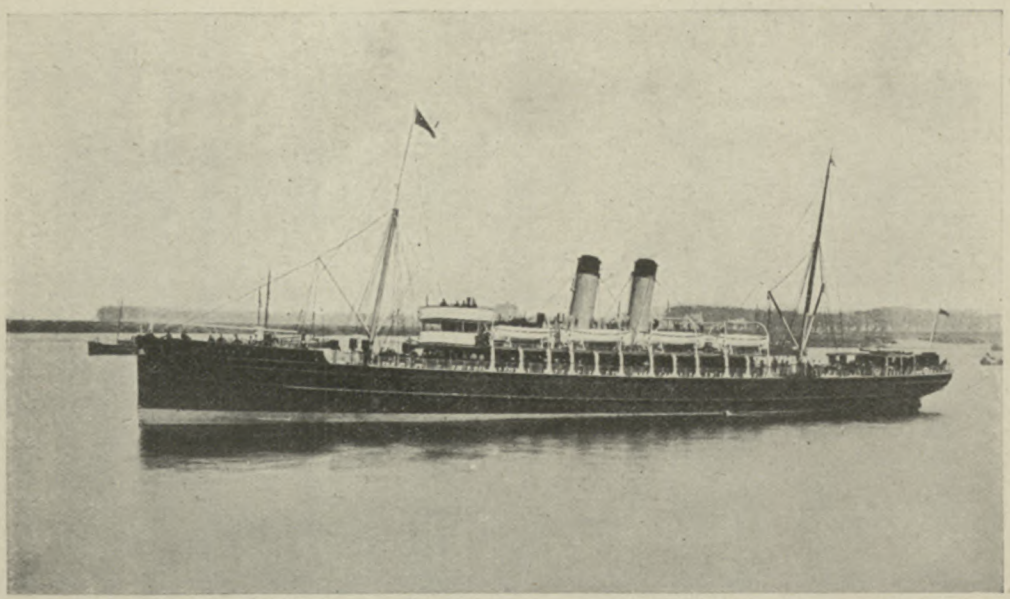
Desde o romper desta guerra, os esplendidos serviços prestados pela Marinha Mercante teem sido contemplados por Sua Majestade com admiração.

A façanha do Capitão Fryatt, em defender o seu navio contra o ataque do inimigo submarino, foi um nobre exemplo do recurso e da confiança de si mesmo que tanto distinguem aquella profissão.

Foi com a mais profunda indignação que El-Rei se inteirou do caso de Capitão Fryatt; e ao transmitir a V. Exa. a expressão da sua condolencia, cumpre-me dizer que sua Majestade acha-se consternado pelo ultraje abominavel.

De V. Exa., etc.,
(*a*) STAMFORDHAM.

MRS. FRYATT.



S.S. "BRUSSELS."

I.

A Carreira do Capitão Fryatt.

O Capitão Charles Algernon Fryatt era comandante do paquete *Brussels*, de Great Eastern Railway Company. Muitas das companhias ferroviarias inglezas possuem a sua linha de vapores, ligando os portos inglezes ao continente europeu; e apesar de serem algumas dessas linhas modificadas ou sustadas por efeito da guerra, a comunicação maritima com todos os paizes neutros continua ininterrupta, graças ao vigor e á eficiencia da marinha britanica.

Vencendo os perigos de minas e de submarinos, através da neblina e das tempestades no litoral hoje desprovido de faroes e de boias, os comandantes desses pequenos mas destemidos navios mercantes já bem conheciam os metodos e expedientes do submarino alemão. Tornaram-se peritos, a custo da intima experiencia que tiveram de tudo isso, sendo

os primeiros a aprenderem a lição que a tragedia do *Lusitania* depois ensinou ao mundo inteiro.

Entre esses comandantes figurava o Capitão Fryatt, conhecido entre os seus como *the pirate-dodger*—" o evadido dos piratas " ; e nas suas frequentes viagens de Harwich a Rotterdam, justificava elle plenamente esse sobrenome, até que por fim teve a desdita de cair nas mãos dos piratas.

Vivia Capitão Fryatt em Dovercourt, nos arredores de Harwich, o porto ferroviario de Great Eastern Railway Company, sendo empregado antigo daquella companhia. Oriundo do leste, casou-se com uma senhora do mesmo condado, e deixou sete filhos, ainda de tenra edade, seis sendo meninas. Para a manutenção da familia não faltarão meios, quer da generosa companhia, quer da patria reconhecida ; e os gloriosos feitos do Capitão Fryatt serão tidos como fonte perenne de inspiração. Era elle conhecido como

" homem de sangue frio, e espelho da honra " ; um amigo seu o qualifica de " tipo perfeito do marinheiro inglez, mestre da sua profissão, marido e pae dedicado, e cidadão exemplar."

II.

O Submarino U 33.

Foi nos primeiros dias de fevereiro de 1915 que o governo alemão proclamou o " bloqueio " criminoso e ilegal. Decretou-se que os mares em volta da Grã Bretanha e Irlanda, incluindo o Canal da Mancha todo, formavam " zona de guerra " ; e que " *de* 18 *de fevereiro por diante todos os navios mercantes inimigos, encontrados nesta zona de guerra, serão destruidos, sem que seja sempre possivel avisar os tripulantes ou passageiros dos perigos iminentes.*"

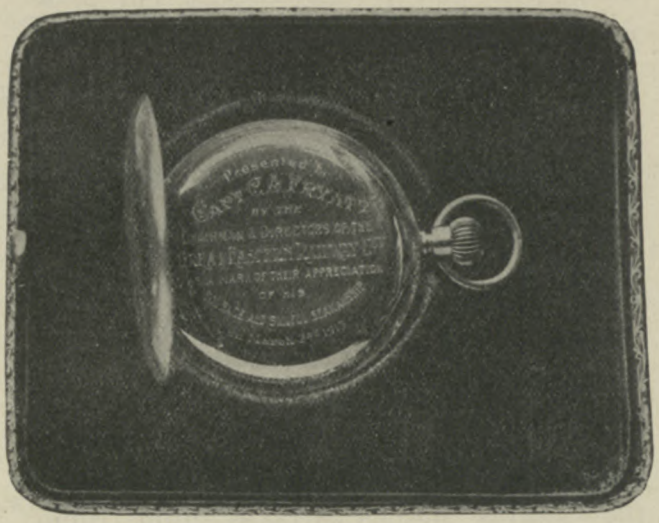
Desde os mais remotos dias de direitos internacionaes, os navios mercantes tinham jus de serem intimados antes de

agredidos por um navio de guerra inimigo; e pelos legalisados dictames de humanidade, era praxe proporcionar devidos meios de segurança aos tripulantes do navio acometido. Pelo decreto de 4 de fevereiro de 1915, porém, o governo alemão formalmente repudiou as responsabilidades de povos civilisados, e intimou a todos os navios mercantes que incorriam o perigo de serem metidos a pique—por armas ocultas, por navio invisivel, e sem aviso qualquer.

Claro está que, após tal proclamação. os navios mercantes inglezes julgavam-se expostos ao ataque lógo ao avistar qualquer submarino. Davam-se por felizes se conseguissem avistar o inimigo antes de serem atingidos. Qual era a alternativa que se lhes apresentava ? Deviam deixar o agressor metel-os a pique sem mais nem menos, e sem resistencia ?

Não tardou o almirantado alemão em por essa declaração de pirata em pratica. Já antes da data indicada os submarinos

alemães haviam começado a sua campanha; e poucos dias depois, em 2 de março de 1915, teve o Capitão Fryatt uma das suas primeiras experiencias com esses submarinos. Na viagem de Parkeston Quay á Rotterdam, deparou elle com um submarino de dois mastros, que lógo reconheceu como sendo alemão. Dirigia-se pressuroso para atacar o navio do Capitão Fryatt; este chamou os tripulantes todos ao trabalho, enviando auxiliares aos fogueiros afim de atingir a maior velocidade possivel. Deste modo o vapor ia a dezaseis milhas por hora, e, perseguido por muitas milhas através dum rumo perigoso, conseguiu chegar são e salvo na Holanda. Se não houvesse a mestria, o afan entre os engenheiros e fogueiros, teria sucumbido o navio de Capitão Fryatt. Pela sua intrepidez naquella ocasião, o insigne comandante foi agraciado com um relogio de oiro, oferecido pelo presidente e directores de Great Eastern Railway Company.



Relogio de Oiro presenteado ao Capitão Fryatt pela Great Eastern Railway Company.

Inscripção: Oferecido ao Capitão C. A. Fryatt pelo Presidente e Directores de Great Eastern Railway Company em testemunho de apreço da sua coragem e mestria nautica em 2 de março de 1915.

Algumas semanas depois dessa façanha, em 28 de março de 1915, o vapor *Falaba* foi metido a pique por um submarino alemão. Consta que o *Falaba* parou quando intimado nesse sentido pelo agressor. Todavia o comandante alemão nem deu tempo para que os passageiros escapassem nos escaleres, sendo o grande transatlantico torpedeado emquanto os não-combatentes estavam ainda a bordo. Um dos que se achavam no convez descreve a scena que se deu :

" O comandante do submarino ordenou ao nosso capitão que puzesse todos os passageiros nos escaleres já já, dizendo em bom inglez : ' Vou meter o seu navio a pique.' Em seguida deu-se uma scena terrivel. Submergiram-se algumas das embarcações ; e muitos dos que lá iam morreram afogados. Apenas dez minutos depois de sermos intimados a abandonar o navio, e antes que os escaleres pudessem ser safados ao mar, deu-se uma explosão, e o nosso navio inclinava-se.

Á distancia de cem jardas, os piratas lançaram um torpedo contra nós, quando elles bem podiam perceber que a bordo ainda se achavam muitos passageiros e tripulantes. Era um acto bem cobarde—nada menos de chacina a sangue frio."*

E custou a vida de cento e quatro homens e mulheres.

No mesmo dia, domingo, 28 de março, Capitão Fryatt avistou o submarino U 33 no Mar do Norte, estando em viagem de Parkeston a Rotterdam. Pela tarde o *Brussels* deparou com um submarino alemão de grande tamanho—ao menos 300 pés de comprimento, com a proa bem alta, com uma grande torre blindada, e sem nenhuma marca distinctiva ao estibordo da proa.

O Capitão Fryatt lógo viu que a velocidade do submarino era superior á do seu navio, e que se elle tentasse escapulir seria imediatamente torpedeado. Ao signal do submarino para que parasse,

* O *Times* de Londres, 30 de março, 1915.

e á ideia de render-se, revoltou a sua coragem do inglez ; e a sua experiencia dos metodos de guerra alemães lhe mostrava que a rendição do navio não serviria de garantia para salvar a vida aos tripulantes. Portanto resolveu elle arriscar o navio de melhor modo possivel, dirigindo-se ao submarino afim de o compelir a mergulhar-se, e tardando isso, de o arrombar ao fundo do mar.

Segundo o direito internacional cabia ao Capitão Fryatt o incontestavel direito de ignorar a intimação e resistir o ataque quanto pudesse. Era lucta de mestria e de arrojo, em que ambos combatentes tomavam sobre si os riscos. Em seguida, pois, o Capitão Fryatt estibordou o leme, ordenando aos engenheiros a maxima velocidade possivel, e mandando os tripulantes para a popa afim de os abrigar da metralhada. O *Brussels* então arrojou-se sobre a torre blindada. Percebendo que, em vez de se render, o navio ia exercendo o seu positivo direito de resistencia,

imediatamente o submarino submergiu-se. O *Brussels* o viu sumir, cerca de vinte jardas adiante, e para lá se dirigiu. Acto continuo o periscopio do submarino ergueu-se ao lado do *Brussels*, dois pés fóra do nivel do mar. Não constou ao Capitão Fryatt que o seu navio conseguisse arrombar o submarino; porém um dos fogueiros sentiu o que lhe parecia como uma sensação de choque. Reapareceu o submarino positivamente inclinando-se a um lado, e sumiu-se em seguida. O navio do Capitão Fryatt continuou no seu rumo a toda a pressa até que, são e salvo, chegou ao litoral da Holanda.

É absolutamente falsa a alegação feita pelo Wolff Bureau de que o Capitão Fryatt deixou o submarino aproximar-se delle, e bem assim a pretensão de alguns jornaes alemães que elle rendeu-se e depois atacou o U 33, agindo-se como trapaceiro e de má fé. Taes falsidades só se pode atribuir ao empenho de ocultar um crime abominavel sob a capa de mentiras.

Não nos iludamos em julgar a intimação de paragem como sendo proveniente de qualquer intenção humanitaria. O *Falaba* parou, e a lista dos que a bordo pereceram em seguida é bem eloquente. As previas aventuras do Capitão Fryatt o tinham familiarisado com as manhas dos submarinos alemães; por isso tratou elle de poupar aos seus tripulantes a sorte que tiveram os do *Falaba*. Provinha o seu procedimento, como diz o *Weser Zeitung*, " de ambição e da sede de lucro ? "

Não ! Morreu elle, mas os seus tripulantes vivem ; por resultado da sua intrepidez e do seu expediente, salvaram-se elles do destino que tiveram as mulheres e as criancinhas a bordo do *Lusitania* e de tantos outros navios que pararam e renderam-se, e cujos passageiros pereceram no mar, mercê da deshumanidade dos submarinos alemães.

RELOGIO DE OIRO PRESENTEADO AO CAPITÃO FRYATT PELO ALMIRANTADO INGLEZ.

Inscripção :—Presenteado pelos Lords do Almirantado a Charles Algernon Fryatt, comandante do vapor *Brussels* em reconhecimento da conducta exemplar daquelle vapor quando agredido pelo submarino alemão em 28 de março de 1915

III.

A Presentação do Relogio.

Sem duvida a proeza do Capitão Fryatt salvou a vida dos que estavam sob o seu comando. Quando isso se deu, já os alemães tinham afundado vinte e dois navios mercantes inglezes sem previo aviso, e tambem tentaram elles meter a pique muitos outros. A proclamação alemã de 4 de fevereiro visava o acometimento da marinha mercante ingleza na zona indicada sem mais intimação; e por sua vez visava o Capitão defender-se dessas violencias ilegaes do inimigo.

O almirante inglez presenteou ao Capitão Fryatt um relogio de oiro devidamente inscripto, em reconhecimento dos seus serviços. Tanto esse premio como o outro da Great Eastern Railway Company, pela façanha antecedente, não cairam nas mãos dos piratas submarinos; acham-se na posse da viuva, que os guardará como reliquias da familia. A presentação pelo almirantado foi anunciado na Camara

dos Comuns em 28 de abril de 1915 pelo Dr. Macnamara, o secretario do almirantado, que mencionou, entre outros heroes da marinha mercante, o Capitão Fryatt, cuja bravura e dexteridade conseguiram frustrar o submarino alemão, sendo elle portanto considerado pelo almirantado como digno de especial louvor pelos seus serviços benemeritos.

Sua Majestade El-Rei Jorge, na carta a Sra. Fryatt, dirigida de Buckingham Palace, exprimiu o sentimento do mundo inteiro nessas palavras :—" A façanha do Capitão Fryatt em defender o seu navio contra o ataque do inimigo submarino foi um nobre exemplo do recurso e da confiança de si mesmo que tanto distinguem aquella profissão."

Não se deve olvidar que o encontro do Capitão Fryatt com o submarino alemão deu-se no mesmo dia em que o Falaba *foi metido a pique, e depois de muitos outros casos analogos, sem previo aviso aos agredidos.*

IV.

A Captura do *Brussels*.

Após um anno e tanto desde o ultimo encontro com o submarino, Capitão Fryatt partiu de Rotterdam na tarde de 22 de junho de 1916; e um amigo ao despedir-se delle no passadiço o viu sereno e jovial como sempre. O *Brussels* ia carregado de comestiveis, com alguns refugiados belgas a bordo. Já não distava muito do porto de Tilbury quando o navio foi capturado por uma flotilha de contra-torpedeiros alemães, e levado como presa a Zeebrugge. Segundo se dizia então, a bordo do *Brussels* ia um suspeito que falava alemão correntemente, e que foi depois tratado pelos alemães com a maxima consideração.

O *Telegraaf* de Amsterdam fez referencias ao comportamento calmo e digno dos tripulantes e do seu capitão depois da captura. Entre os seus oficiaes destacava-se o Capitão Fryatt, de aspecto

sereno, como se estivesse no seu passadiço; ás mulheres belgas que choravam, elle falava com brandura, consolando-as; e cuidava-se só dos outros.

Consta que o capitão e os tripulantes foram conduzidos a Bruges em automoveis e de lá transportados para a Alemanha no dia seguinte. Fosse como fosse, o embaixador americano subsequentemente informou o governo inglez que elles se achavam internados em Ruhleben. A Sra Fryatt recebeu uma carta do seu marido, expedida daquelle acampamento e datada de 1° de julho, em que lhe dizia elle que "ia fazer uma viagem."

V.

As Primeiras Noticias na Inglaterra.

Em resposta ao quesito do Ministro dos Negocios Estrangeiros da Inglaterra, o Embaixador Americano em 1° de julho afirmou a Sir Edward Grey que os oficiaes e tripulantes do *Brussels* se achavam sãos e salvos, e que o capitão "desejava que a sua esposa fosse informada." Ninguem então ligava importancia ao significado terrivel dessas pateticas palavras.

Era só em 16 de julho que o governo e o povo inglez souberam pela primeira vez, por via do *Telegraaf* de Amsterdam, que o Capitão Fryatt ia ser julgado em conselho de guerra, acusado de ter arrombado um submarino alemão. O *Foreign Office* imediatamente pediu informes do embaixador americano, e providenciou medidas para a defesa o capitão. A noticia no *Telegraaf* era bem autenticada.

VI.

O Conselho de Guerra.

Não temos pormenores do conselho de guerra que se realisou em Bruges. Não se sabe ao certo se havia depoimentos de testemunhas imparciaes; é improvavel que os alemães jamais revelem o que se passou ahi. Tudo ia ás escuras e á pressa, como se receiasse a luz da publicidade para a trama sinistra.

Só podemos citar o mero esboço contido no telegrama oficial alemão:—"Na quinta feira, perante o conselho de guerra da guarda marinha, realisou-se o julgamento do Capitão Charles Fryatt, do vapor inglez *Brussels*, que foi trazido para cá como presa."

Pediu-se para que o julgamento fosse adiado; isso foi indeferido, sob pretexto de que "as testemunhas do submarino alemão não podiam ser detidas por mais tempo!" Sob esse atroz pretexto o caso foi julgado imediatamente,

sendo o Capitão Fryatt " defendido " por Major Neumann, " em vida civil procurador e *justizrat.*"

Sob qual principio do direito internacional foi o capitão julgado ? Qual era a natureza da acusação ? Quem foram os juizes que condemnaram Capitão Fryatt ?

VII.

A Acusação.

Segundo a declaração oficial alemã, o Capitão Fryatt foi condemnado porque, "apesar de não pertencer á forças combatentes, tentou elle, na tarde de 28 de março de 1915, arrombar o submarino alemão U 33, ao redor do farol fluctuante de Maas."

E sendo tal o caso, qual crime cometeu elle? Já os alemães tinham destruido, sem previo aviso, mais de vinte indefesos navios mercantes inglezes; e deploravam elles que os seus torpedos tivessem falhados a tantos outros. *Só poucas semanas depois, o grande transatlantico não-armado,* o Lusitania, *foi metido a pique sem aviso, perecendo mais de* 1,500 *pessoas, incluindo muitos cidadãos americanos.*

O decreto de fevereiro tinha intimado a todos os marinheiros que, quando elles encontrassem um submarino alemão, de-

viam considerar-se agredidos, pois já se lhe tornava impossivel a formalidade de anunciar o ataque. Qual outro significado se pode dar a essas palavras?— "todos os navios mercantes inimigos, encontrados nesta zona de guerra, serão destruidos, sem que seja sempre possivel avisar os tripulantes ou passageiros dos perigos iminentes."

Que em taes ataques a resistencia é legitima, provam-na as leis de presa em todos os grandes estados—no Imperio Britanico, nos Estados Unidos, na Italia, Espanha, e outros paizes. É reconhecida mesmo pelas leis de presa alemãs, pois no apendice desses regulamentos, datado 22 de junho de 1914, está a clausula seguinte: "Se um navio mercante inimigo armado resistir á mão armada o direito de visita, busca e captura, serão os tripulantes tratados como prisioneiros de guerra."

Verdade é que o regulamento alemão diz do navio mercante armado; porém

o caso vem a dar no mesmo. Um navio mercante por estar armado não deixa de ser navio mercante; os oficiaes e tripulantes não constituem forças combatentes porque o navio leva canhões para a sua propria defesa; ao navio mercante cabe o direito de resistir um navio de guerra inimigo, não por ser qualificado como combatente, mas porque incorre risco de ser capturado, ao menos, ou, no caso de se encontrar com um submarino alemão, de ser provavelmente metido a pique sem mais nem menos. E mesmo a captura é em si um acto de hostilidade, ao qual o navio mercante não está obrigado a submeter-se.

A justiça dessas contenções é reconhecida por um eminente jurista alemão, Dr. Hans Wehberg, na sua obra "Das Seekriegsrecht," publicada no decorrer da guerra actual. Diz elle:

"Na verdade, não se pode citar nenhum precedente internacional em que os Estados mantenham que a resistencia não

é facultada. Ao contrario, pela celebre decisão de Lord Stowell, no caso do navio *Catharina Elisabeth*, a resistencia era tida por legal; e de acordo está o artigo 10 do codigo de guerra naval americano. A grande maioria dos publicistas bem como o Instituto de Direito Internacional são do mesmo parecer. . . . Está, pois, no direito do navio mercante inimigo defender-se contra o ataque do inimigo; e esse direito póde ser exercido contra a vistoria, que de facto constitue o primeiro acto de captura."

Fóra da Alemanha, ninguem fala da ilegalidade de tal resistencia. A questão é nova, e o protagonista, Dr. Schramm, conselheiro legal do almirantado alemão. Claro está que o parecer delle e dos seus correligionarios foi concebido nos tempos quando a Alemanha estava prestes a romper o seu assalto sobre a civilisação.

De resto, no memorandum entregue ás potencias neutras em 10 de fevereiro de 1916, o governo alemão—apesar de

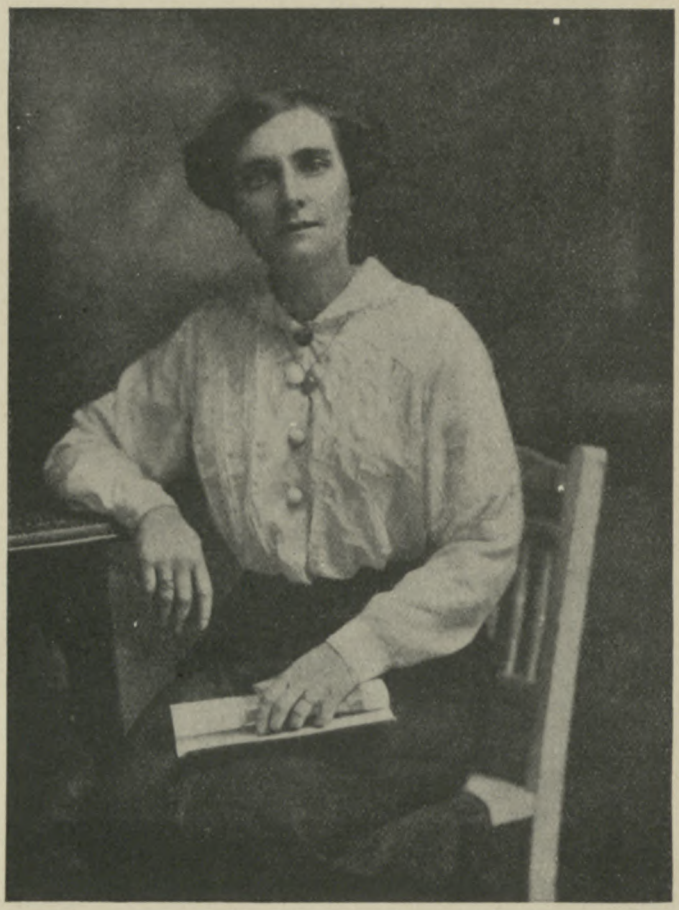
manter que aos navios mercantes não cabe o direito de se defenderem—declara o seguinte: " Tambem o governo alemão toma em consideração o parecer contrario, e os tripulantes de taes navios serão tratados como beligerantes."

Mas naturalmente os alemães hão de redarguir que o *Brussels*, em vez de se defender, tomou a ofensiva. Porém, á vista do manifesto alemão de fevereiro de 1915, ninguem duvida que a Alemanha ameaçava torpedear qualquer navio mercante inglez, armado ou não armado, sem o previo aviso prescripto pela lei internacional. E de facto os alemães procederam desta forma, pois em seguida meteram a pique navios não armados, matando muita gente a bordo. O almirantado inglez publicou a lista dos navios inglezes, aliados, e mesmo neutros, torpedeados sem aviso, de acordo com tal manifesto. Mesmo quando houvesse aviso previo, a rendição do navio não garantia a segurança dos tripulantes. Só dos navios mer-

cantes e embarcações de pesca inglezes, perderam-se mais de 400 vidas em taes circumstancias durante a guerra.

Como bem diz Mr. Balfour, a teoria germanica acerca da "liberdade dos mares" vem a dar nisso: "Nem os inimigos não-combatentes, nem os neutros, terão o direito de se opôrem á militante Alemanha; os que não resistirem serão afogados no mar; os que resistirem serão fusilados."

Já os submarinos alemães teem metido a pique 244 navios mercantes neutros ilegalmente, e o numero sempre vae aumentando. Todo o mundo reconhece nesta lista, e á luz da declaração alemã quanto á zona de guerra, o aviso para que a marinha mercante ingleza tome sobre si a sua propria defeza.



MADAME FRYATT.

VIII.

Era elle Franco-atirador ?

O mundo inteiro já estava horrorizado e assombrado a fartar pelas barbaridades teutonicas, e ainda assim mal se podia capacitar desse novo crime, desse assassinato judicial, que os alemães tresloucadamente trataram de justificar por todos os meios. Até o sofismaram sob as leis de presa alemãs concernentes aos navios neutros ! Arguiram-no como sendo determinado ao bem da causa nacional— argumento perverso, sem nenhuma aceitação fóra da Alemanha. E arguiram ainda que o Capitão Fryatt era franco-atirador. Segundo o telegrama oficial alemão, " um dos muitos casos nefarios de franco-atiradores, entre a marinha mercante ingleza, contra a nossa armada, acaba pois de ser tardia mas justamente expiado."

No decorrer da guerra franco-alemã de 1870, varias forças irregulares da França

fizeram guerra intermitente ao exercito alemão, e todos os franco-atiradores que cairam nas mãos dos alemães foram fusilados. Suscitou esse brutal procedimento a indignação do mundo em peso; e hoje, segundo as leis de guerra estabelecidas pela Convenção de Haia, os combatentes irregulares devem ser tratados como forças regulares quando guerream sob comando responsavel, com marcas distinctivas, levando armas abertamente, e conformando-se com as leis de guerra. Além disso, até se dispensa da exigencia quanto ao comando responsavel e ás distinctivas, quando o povo espontaneamente sublevase para resistir invasão; e em tal caso as forças irregulares, armadas, e agindo segundo as leis de guerra, quando capturadas, teem o direito de serem tratadas como prisioneiros de guerra.

Porém, no caso presente faz-se excepção á regra geral; exige-se que o combatente pertença ás forças armadas regulares, afim de estabelecer o seu direito

para ser tratado como prisioneiro de guerra. Desde tempos imemoriaes fazia-se tal distincção nos mares. E com efeito a Conferencia de Haia teve dificuldade em outorgar aos irregulares em terra o direito de serem tratados como prisioneiros de guerra; porém tal dificuldade não existe no caso do marinheiro mercante. Estando elle e o seu navio no alto mar e a olhos vistos, não lhe é possivel encobrir a sua identidade, nem tomar o seu inimigo desprevenido. No momento que fôr elle agredido, é-lhe permissivel defender-se, sem que por isso o agressor esteja desvantajado.

Ao capitão mercante inglez na zona de guerra, o submarino alemão é naturalmente tido como inimigo que trata de cumprir as ordens do supremo comando alemão. A presença de tal submarino em torno dum navio mercante inglez é em si uma ameaça de agressão prestes a se realisar. Em outras palavras, é um acto ofensivo, pois mesmo a vistoria, segundo

diz Dr. Wehberg, constitue o primeiro passo para a captura. Nessas circumstancias, ao capitão dum navio mercante cabe o direito de se defender, sem ser tido por franco-atirador se o fizer; e sendo capturado, deve ser elle tratado como prisioneiro de guerra. O Capitão Fryatt defendeu o seu navio sem ser capturado; caiu depois nas mãos inimigas, e foi fusilado porque teve o arrojo de exercer o seu incontestavel direito, estabelecido pela lei. Qualificamol-o de incontestavel porque assim o foi até que os apostolos do militarismo germanico e das "liberdades dos mares" consumaram as tramas urdidas.

Mas para que serve fazer esses rapapés ao governo alemão em lhe atribuir qualquer erro judicial? Consistentemente cumpriu-se a necessidade militar. Hoje na Alemanha é de praxe considerar como franco-atiradores todos aquelles que fôrem particularmente nocivos ao progresso do militarismo teutonico. *Por exemplo, o*

" *Rheinisch Westfälische Zeitung* " *de* 1° *de agosto publica um artigo instando ao governo alemão para que os voluntarios americanos que juntos aos Aliados estão combatendo contra a Alemanha sejam tidos por franco-atiradores, sujeitos, quando capturados, a serem fusilados, ou preferivelmente enforcados.*

A Residencia do Capitão Fryatt em Dovercourt.

IX.

A ultima, a mais longa das Viagens.

Constou ao *Telegraaf*, em 30 de julho, que o Capitão Fryatt tinha sido fusilado na tarde da quinta-feira proxima passada, num sitio reservado nas praias de Bruges, sendo testemunha um dos vereadores daquella cidade. A noticia foi oficialmente confirmada por telegrama expedido pelo embaixador americano. Não se sabe dos pormenores; nem é provavel que sejam jamais conhecidos. O governo alemão, pela experiencia que teve da execução de Edith Cavell, bem sabia que lhe convinha melhor agir ás escuras em taes cousas, sem que o sentimento de humanidade e de justiça, ou o senso comum, lhe ensinasse que tudo isso não se faz de modo qualquer sem ultrajar os sentimentos do mundo civilisado.

A Viuva e sete Filhos do Capitão Fryatt.

X.

O Epilogo.

Morreu o Capitão Fryatt por ter salvado os seus tripulantes das furias dum submarino alemão, e porque como capitão dum navio mercante ousara pôr em vigor o direito de defesa propria sancionado pela lei internacional. Longe de ser um crime, esse feito, nas palavras de Sua Majestade El-Rei Jorge, "foi um nobre exemplo do recurso e da confiança de si mesmo que tanto distinguem aquella profissão."

Bem sabiam os alemães que esse novo assassinato judicial havia de provocar a indignação do mundo em peso; porém estavam elles determinados a envidar todos os seus esforços para que a façanha do Capitão Fryatt deixasse de servir de modelo aos outros, Segundo dizia o *Kölnische Volkszeitung* de 29 de julho de 1916, "haverá, sem duvida, entre os que simpatisam com os inglezes por todos os

lados, uma tempestade de indignação contra o barbarismo alemão, como no caso de Miss Cavell. Isso não deve perturbar-nos."

Não se enganou o *Volkszeitung*, pois efectivamente nos paizes neutros, no imperio britanico e nos paizes alliados, houve um estremecimento geral, de nojo, de abominação, de horror e assombro. O veredicto universal era que as barbaridades antigas do mundo, e mesmo as atrocidades germanicas, estavam ultrapassadas.

Bradou o *New York Herald* contra o CUMULO DA ATROCIDADE ALEMÃ. No fusilamento do Capitão Fryatt o *New York Times* via "um assassinato deliberado— uma insignificancia ao governo que é responsavel por tantos outros do mesmo genero, aos milhares."

Na Holanda, o *Nieuwe Rotterdamsche Courant* de 29 de julho condemnou o ultraje dizendo: "Quando o capitão do *Brussels* fez o seu malogrado acometimento, a cam-

panha dos submarinos ia avante com a maxima brutalidade, a despeito de todas as leis humanas. A mera presença dum submarino alemão significava a morte de centenas dos que são hoje qualificados de franco-atiradores no comunicado alemão. Reclamar para si o direito de chacinar centenas de paisanos sumariamente, e estigmatisar de franco-atirador o paisano que não se submete de boa vontade ao assassinato, isto a nosso ver é medir a justiça em balanças bem diferentes quando se trata de si e do proximo. A nosso ver isto é que se chama *arbitrariedade* e *injustiça*. E isto nos comove mesmo á vista de tantos horrores desta guerra. É um choque para os neutros, e intensifica a amargura, o odio entre os inimigos."

Um jornal suisso, o *Journal de Genève*, denuncia a enormidade alemã nesses termos: "É monstruoso pretender que ás forças armadas cabe o direito de trucidar paisanos e que os paisanos são crimi-

nosos por se defenderem." E um outro jornal suisso, a *Gazette de Lausanne*, pergunta: "Que dirão os povos maritimos neutros da doutrina segundo qual a Alemanha acaba de fusilar um bravo capitão inglez?"

Na Camara dos Comuns Mr. Asquith vozeou a opinião do imperio britanico quando disse:—

> "Deu-se isso simultaneamente ás desenfreadas crueldades praticadas sobre o povo de Lille e outros pontos invadidos na França; e vê-se pois que o supremo comando alemão, arrebatado pelos revezes militares, recorreu de novo á sua politica de terrorismo. É impossivel dizer até onde cheguem as suas atrocidades."

O ministro da marinha, Mr. Balfour, ao render homenagem á memoria do Capitão Fryatt, tambem exprimiu o protesto nacional contra o procedimento barbaro dos alemães:—

> "Sem duvida a mestria e vigor com que os comandantes e tripulações

da marinha mercante ingleza souberam defender as vidas e as propriedades a seu cargo exasperaram o almirantado alemão a perpetrar esse novo e estultissimo acto de ferocidade premeditada, o assassinato judicial do Capitão Fryatt.

" Não pretendo discutir a questão; não vale a pena de ser discutida. Porque havemos de fazer a injustiça ás autoridades militares alemães em supôr que estivessem ellas animadas de qualquer empenho pelos preceitos de direitos internacionaes, ou que se extraviassem em ilegalidades por qualquer acaso infortuito ? O seu mal era de outra ordem, e provinha de fonte bem diferente. Sabiam aquellas autoridades muito bem que, quando o Capitão Fryatt intrepidamente salvou o seu navio, já os proprios alemães tinham metido a pique vinte e dois navios mercantes inglezes, e que tinham tentado afun-

dar muitos outros. Sabiam que, recusando a submiter-se abjectamente a tal sorte, Capitão Fryatt cumpriu o seu dever como um bravo homem de bem. E estavam resolvidas a todo o transe para dissuadir os outros de o seguir!"

Para protestar contra esse novo crime, realisou-se no domingo, 6 de agosto, uma das maiores demonstrações que jamais teve lugar no historico Trafalgar Square de Londres. Representava a influente classe operaria da Inglaterra. Foi lida uma carta da viuva de Capitão Fryatt, em que exprimia-se assim:—

"Comove-me profundamente essa simpatia manifestada pelos meus compatricios no meu infortunio. Muito me consola saber que o imperio britanico está todo resolvido para punir os perpetradores do abominavel crime que custou a vida do meu caro esposo."

E a assembleia calorosamente apoiou o protesto contra o assassinato e os assassinos.

O mundo em peso ficou horrorisado senão estupefacto—estupefacto, não porque a brutalidade germanica fosse incapaz de tal enormidade, mas porque os alemães continuassem ainda tão cegados depois da tragedia de Edith Cavell. A morte daquella martyr fez com que o povo inglez, campestre e urbano, jurasse vingal-a; e hoje esses campiões estão gloriosamente avançando de serra a serra na região do Somme.

Sem duvida, pelo fusilamento do Capitão Fryatt os alemães esperavam obter mais segurança para os seus covardes submarinos, segundo se depreende pelo menos da *Gazeta de Colonia*, que nos diz:—

> "Sobretudo urge-nos assegurar o devido respeito para os nossos submarinos, pois a vida e a segurança dos nossos marinheiros valentes e

desinteressados são de incomparavelmente maior importancia para nós do que a vida dum criminoso inglez que, seja como fôr o caso, é justamente punido."

Mas os alemães enganam-se redondamente se esperam, por taes meios, deprimir o espirito dos capitães da marinha mercante ingleza. Como bem diz o ministro da marinha, " os alemães pouco conhecem esses comandantes, cujo mister por certo não é a guerra, pois vivem elles pelas artes da paz. Porém nenhuma outra classe de gente se distingue tanto pelo seu intenso patriotismo, revelado em feitos de summa coragem e dedicação. Duvido que haja um unico capitão que não esteja resolvido a defender-se até o ultimo contra os ataques dos piratas; mas se tal houvesse, creia-me que elle é outro homem após essa nova prova da civilisação alemã."

Embora a guerra o comercio inglez com a Holanda e Scandinavia continua

ininterrupto ; e o tragico fim do Capitão Fryatt leva-nos a render homenagens aos intrepidos marinheiros da nossa marinha mercante. Apesar das minas e bombas e toda a desenfreada pirataria germanica, elles enfrentarão tudo até o ultimo. A sua divisa e " Avante ! "

A Alemanha assassinou Capitão Fryatt —mais um crime ao inaudito rol de enorminades perpetradas pela Alemanha e seus aliados em nome da civilisação. A Belgica, Louvain, o *Lusitania* e *Sussex*, a Polonia e Armenia, a Servia e Montenegro, os corsarios submarinos, as chacinas dos Zeppelins, o estupro, o vandalismo, tudo isso constitue apenas parte do tremendo rol. Sob o regimen brutal e calejado, Edith Cavell pereceu pelo muito amor que consagrava á humanidade. Mesmo após tantos horrores, ainda o mundo hoje estremece á vista das novas barbaridades praticadas nas regiões invadidas da França.

E hoje, assanhada pelos revezes das

suas armas, a Alemanha é levada pelo desespero a perpetrar ainda maiores atrocidades. Porém virá o fim, tarde ou cedo; e como bem diz o primeiro ministro da Inglaterra,

> "*quando chegarmos ao fim desta guerra—queira Deus que cheguemos—não olvidaremos, e não devemos olvidar, esse horrivel rol de crueldades e de crimes premèditados.*"

O ASSASSINATO DE CAPITÃO FRYATT.

LONDRES: EYRE AND SPOTTISWOODE, LTD.

1916.